

**ENCARTE
EM BRAILLE**

CONTRATO Nº 3956 / 91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 27/28
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**O sexo na obra
de Guimarães
Rosa**

***O cardápio
utópico de Eça
de Queiroz***

**O fascínio e os
mistérios de
Adalgisa**

***Pirenópolis:
uma história de
aventuras***

**Os
poetas
do
povo**

JOEL



Guimarães Rosa: sexo e paixão

□ Carlos Alberto Abel

"Diadorim é minha neblina". A frase é de Riobaldo, personagem do livro "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. São metáforas como estas que, na opinião do professor de Literatura Brasileira, Carlos Alberto Abel, da Universidade de Brasília, permitem uma abordagem sexual sobre a obra do grande escritor mineiro.

Grande Sertão: Veredas, o grande romance de João Guimarães Rosa, é uma escritura relativa a uma determinada região norte de Minas Gerais, sudeste da Bahia e leste de Goiás, o sertão; relativa a um determinado tempo histórico, por volta de 1917; relativa a um determinado povo: os jagunços; os camponeses; os latifundiários e seus prepostos; os chefes dos bandos; solda-

dos, representantes do poder central. Um reflexo da realidade. Um romance realista.

Aparece a figura de um escritor *sui generis*, não aquele que escreve, mas o que narra, Riobaldo; e aquela do escrevente, o que escreve o que lhe ditam, o interlocutor. Como vemos, claramente, na fala de Riobaldo: "O senhor escreva no caderno...".

Esse interlocutor é a

pessoa culta, a que veio de longe, estranha ao sertão, e, talvez, por isso, Riobaldo lhe fale de toda a sua vida passada. Narra, usando a linguagem usual, do dia-a-dia, sem nenhuma elucubração intelectual, num fluxo contínuo, derramado, obediente apenas ao encadeamento de suas lembranças, de sua memória.

O discurso de Riobaldo é vivo, vívido, tende ao dialogismo, tende a valorizar o contexto e a situação que envolve os personagens, situação social, política, ideológica e as circunstâncias vividas pelos personagens.

Para mim, o relato de Riobaldo é uma catarse, uma purgação. Evoca os acontecimentos passados com um clímax traumático, patético, a morte de Diadorim, morte pela qual se culpa, e, com isso,



PENIEL PACHECO
(PSDB)

Filmes baseados na boa literatura geralmente resultam em grande sucesso de bilheteria. É o que se tem observado ao longo dos anos, inclusive em relação ao cinema brasileiro, que, depois de um período de obscurantismo, começa a renascer. Agora, que se aproxima a realização de mais Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, incentivador da nossa produção cinematográfica, fica para o espectador a esperança de ver na tela os resultados desse renascimento. Vale ressaltar que fitas históricas, inclusive com temas bíblicos, têm boas platéias e foram responsáveis por grandes bilheterias, mesmo sem apelar para os palavões e a pornografia.



LÚCIA CARVALHO
(PT)

O 29º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro oferecerá quatro novos prêmios aos filmes participantes. Este será o resultado de parcerias que o Governo Democrático e Popular firmou com entidades como a UNESCO, que premiará nossos jovens cineastas, e a ANDI, que instituiu um prêmio destinado ao filme que apresentar significativa contribuição para o debate dos problemas que atingem a infância e a adolescência no Brasil, como a prostituição infantil. Por isso, será de extrema importância que nossos cineastas se empenhem em trazer aos espectadores discussões e debates voltados para temas tão polêmicos.

pela assunção do ato acusatório, alcançar a sua remissão.

No seu exercício narrativo, sentimos que lhe interessa, que lhe é primordial, a compreensão dos fatos, o porquê de chegar àquela perda, perda do seu grande amor. Tudo o que diz e fala levamos a sentir, no narrador, a perda do objeto amado.

O que quer Riobaldo? Entender o que se passou, achar a chave de sua vida, julgar-se como juiz e júri, pois o interlocutor nada lhe pode adiantar, pois sabe menos do que ele. Se bem que, por vezes, usando a ironia socrática, coloca o interlocutor como um indivíduo que sabe das coisas do sertão, acontecidas e por acontecer, enquanto ele, viverdor de tudo, coloca-se, em determinadas situações, como um neófito contador de estórias.

Dentro de sua técnica, Riobaldo intercala a rememoração de sua travessia, com episódios que, obviamente, não estão soltos, pois necessários ao iluminar das ações do protagonista: Aleixo e sua maldade, matador de um velhinho, o castigo de seus quatro filhos; das maldades de Pedro Pindó e de sua mulher, perpetradas contra o filho Valtê; o assassinato de Rudugério de Freitas por seus filhos; o de Maria Mutema, a que matou o marido e provocou a morte do Padre Ponte. Podemos separá-los do corpo da narrativa e dar-lhes vida independente do texto, quase contos. Mas, em todos, aparece um dos arquétipos incrustados no povo, o de que aquele que comete uma má ação ou um pecado será castigado, ou ele mesmo, ou um ser que ele ama. Como diz Compadre Quelemém, o guia espiritual de Riobaldo, quem aqui sofre, sofre, porque,

em uma outra vida, fez alguém sofrer.

A posição política do narrador reflete-se no texto. O narrador é alguém que tem uma vida dentro da sociedade, daquele mundo imaginário, mas um mundo imaginário calcado no empírico, que reflete a ideologia do poder dominante, no caso de Riobaldo, aceitando-a, nunca lutando contra ela. As contradições verificadas no processo político aparecem minoradas, porque esse é o pensar do narrador.

Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com pais de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente — dá susto sem saber — e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher; ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; ou para outras coisas não fui parido. Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta.

E essa aceitação da dor, como provação provocada por ações passadas das pessoas, é algo de fundo religioso que, na verdade, acoberta toda uma ideologia de dominação do poder, no sistema capitalista. Poder do latifúndio que era assim em 1917 e continua da mesma maneira hoje, em 1996.

Não vemos, em nenhum momento, um gesto seu de repúdio ao analfabetismo do povo. Aceita o mandonismo local, tanto o dos fazendeiros quanto o dos chefes dos bandos. A pobreza é ig-

norada pelo herdeiro de Selorico Mendes.

Dentro desse diapasão do crime e castigo, assistimos ao pretendido pacto de Riobaldo com o diabo, levando-o à vitória contra o demoníaco Hermógenes, mas, em contrapartida, à perda de Diadorim, seu grande amor.

No caso de Nhô Constâncio, do homenzinho-da-égua e do cachorro, vemos estampado o despreparo de Riobaldo para a maldade gratuita, da perversidade do homem da guerra e, também, da pusilanidade do jagunço, que aprova o que o chefe quer ver aprovado. Seus comandados consideram suas ações superiores à artimanha de Zé Bebelo e à justiça de Medeiro Vaz.

Antônio Cândido já nos lembrou que *Grande Sertão: Veredas* tem três elementos estruturais que também apóiam a composição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O tripé: a terra, o homem, a luta. Mas o grande crítico paulista observa que Euclides constata, para explicar, e Rosa inventa, a fim de sugerir. Obviamente, acrescento, acacianamente, que isto acontece, porque um é uma reportagem de um massacre, de um genocídio do poder central republicano; e o outro, uma ficção, um reflexo da realidade, daquela realidade crua que repele o poder central, emanado da República.

O que faz a unidade desse romance? O amor de Riobaldo por Diadorim — esse, o elemento básico.

As doutrinas religiosas judaico-cristãs condenam a homossexualidade. A Bíblia nos diz: *“Se um homem se deita com um homem como se deita com uma mulher, cometem ambos uma abominação;*

serão condenados à morte". O Livro Sagrado esqueceu-se da homossexualidade feminina — o lesbianismo, o safismo.

A homossexualidade sempre foi considerada um crime, uma doença, um devio, uma aberração. Desde os albores da cristandade, os homossexuais foram condenados à decapitação ou ao enforcamento ou à fogueira. A igreja deu o exemplo executando o bispo de Waterford, John Atherton, em Dublin, em 5 de outubro de 1640, por delito de sodomia.

A reprovação popular, considerando-os como malditos, levava-os a praticar sua sexualidade dentro do maior segredo.

Na literatura mundial, mais próxima de nós, há casos de famosos escritores sodomitas, de uranistas, como Walt Whitman, Oscar Wilde, Marcel Proust, André Gide, Jean Cocteau, Jean Genet, William Burroughs e outros mais que deixarei de citar, por não ser este artigo um inventário da homossexualidade.

Logicamente, antes que aconteça, não estou fazendo qualquer ilação com relação à sexualidade de João Guimarães Rosa. Estou colocando a par daqueles grandes criadores um personagem homossexual, criado pelo genial escritor mineiro.

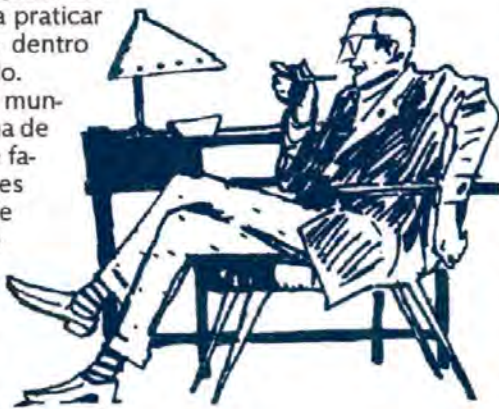
O ano de 1951 marca uma reversão nessa atitude social, quando aparece a revista *One*, que se opunha ao opróbrio que envolvia a homossexualidade. Essa atitude dos homossexuais alcança Nova Iorque em 1967. Nessa grande cidade, assumiu o nome de *liberation gay*. Em Paris, ainda em 1951, tivemos a *Arcadie*, movimento homossexual masculino, lutando pela emancipação dos seus adeptos.

A partir daí, tivemos a *gay life*, o *gay power*, a *gay culture*, e as associações de classe como a "Gay Activist Alliance".

O romance *Grande Sertão: Veredas* é de 1956. Como escreveu Renard Perez: "O romance tem como fulcro a estória do proibido amor de Riobaldo por Diadorim".

Um romance onde o amor homossexual não é vulgar, e, sim, eivado de lirismo, transbordante de suas páginas.

Devemos reconhecer



que se a pulsão sexual não cumpriu seu curso não foi por culpa de Riobaldo e sim pelas atitudes de defesa de Reinaldo. Os impulsos de Riobaldo foram reprimidos por Diadorim.

A atração sexual não se completa, porque Diadorim não quer. Por Riobaldo o ato homossexual teria saído da intenção para o fato: *Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas quando ia, bobamente, ele me olhou — os olhos não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam*".

Mesmo com a negativa, negativa dos olhos, não dos sentidos, Riobaldo recuou, mas isso não foi um ato de sua vontade... "com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim — que não era de verdade".

Para reforçar essa

assertiva, recordemo-nos de que, pouco antes de chegar ao Paredão, no meio da mata, "céu encoberto, ensombrado", conversando o casal de apaixonados, Riobaldo descuidou-se e falou: "... Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos..." Disse-o como "estivesse pensando". Diadorim assustou-se: "O senhor não fala sério!" Riobaldo disfarça, diz-lhe que não queria ofendê-lo, tinha sido "brinca de zombarias". Novamente, Riobaldo, arriscando-se pela concretização de seu amor, e Diadorim, recuando.

O amor de Riobaldo por Diadorim é correspondido. De um lado, o interdito social da homossexualidade, do outro, o afastamento, apesar do desejo, causado pela situação da ocultação do sexo, um amor heterossexual.

A descrição de Diadorim, que é respingada por toda a narrativa, demonstra todo o carinho de Riobaldo: as mãos que seguram as rédeas "tão brancamente", "mão bonita, macia e quente"; os braços bem feitos, alvos, a cintura fina; o passo curto, "as pestanas compridas, os moços olhos"; "a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho"; "um ar quase de meninozinho em suas miúdas feições"; "pé de salão"; "um bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes"; "respirava, como era com a boca tão cheirosa".

Adianta-nos traços femininos de Diadorim, quando o narrador assevera que, às vezes, lavava a roupa, mas quem fazia "mais isso era Diadorim", porque "praticava com mais jeito, mão melhor". Dentro da divisão do trabalho doméstico, quando acontece, a lavagem de roupa é uma tarefa feminina.

Diadorim tinha uma capanga com labores e três botõezinhos de abotoar, onde "guardava tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e nava-

lha". Passado algum tempo, "Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga". Confessa que, às vezes, tinha vergonha de que o vissem com a "peça bordada e historiana".

Diadorim, para tomar banho, só o fazia "sozinho no escuro", no "sinal da madrugada". Na época, Riobaldo pensava que era credence, procedimento esquisito, dos "corbujados, sujeitos de corpo-fechado".

Diadorim normalmente dormia ao relento, logicamente tinha de haver conseqüências, "a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas das mutucas".

Quando Otacília e Diadorim se vêem pela primeira vez, a aversão se instala. Otacília não gostou de Diadorim; Diadorim sentiu ódio. Aflora o ciúme. Chega a ameaçá-lo de morte.

Depois do episódio do velho-da-égua, Riobaldo soube que Diadorim mandara um recado para uma mulher, à sua noiva Otacília. O "amor dele por mim era de todo quilate: ele não tartameava de ciúme nem de medo". Pedira que Otacília rezasse por ele.

Riobaldo resolve presentear o amigo com uma pedra de safira. Diadorim recusa. Manda que a guardasse, até que chegasse a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia, aceitaria. Riobaldo convidou-o a deixar a jagunçagem. Diadorim perguntou-lhe qual o seu temor. Diz-lhe que vá ao encontro de Otacília e dê-lhe a jóia. Presente de noivado. Ou desse para Nhorinhá, a prostituta.

Diadorim acrescenta que Riobaldo e Otacília casariam, com vestido de noiva, depois ela viveria o papel de esposa, tomando conta da casa e dos filhos, de camisola de filó, de "vestido novo de molmol". Riobaldo sente estranheza nas palavras de Diadorim, mas, na ocasião, não alcançou o porquê.



RENATO RAINHA
(PL)

Brasília se transformará no mês de outubro na capital brasileira do cinema. Com a realização da 29ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, todas as atenções do cenário artístico nacional estarão voltadas para nossa cidade. Cada vez mais devemos valorizar os eventos culturais como o Festival, que, além de revelar novos talentos e consagrar grandes atores, diretores e cineastas do nosso cinema, projetam de maneira positiva e grandiosa o nome de Brasília em âmbito nacional.



ODILON AIRES
(PMDB)

Falar em Pirenópolis é falar de opção de vida. A vida em Pirenópolis nasce compromissada com liberdade, alegria, tranquilidade, segurança, trabalho, amizade, respeito e tradição. A cidade virou um dos pontos turísticos mais disputados do Planalto Central, seja pelas suas tradições culturais e históricas seja por sua riqueza natural. Sua arquitetura, culinária, hospitalidade, sua gente e seu folclore são um convite para um fim de semana de tranquilidade. O potencial da cidade é grande, e pode ser um instrumento fundamental de desenvolvimento do turismo da região Centro-Oeste.

O que sente o leitor? Diadorim não falava de Riobaldo e Otacília, e, sim, dela com o amado, o amor de sua vida.

A mulher, na nossa sociedade cidadina, preconceituosa e machista, dificilmente assume o direito de ser sujeito de seu destino. Diadorim consegue-o na sociedade do sertão do início do século. Uma situação singularíssima... Assume a função do anjo vingador, torna-se a missão de sua vida a procura e a destruição de Hermógenes, o assassino de seu pai. E essa missão leva-o até a postergar a declaração do amor sentido por Riobaldo.

Diadorim, em sobra de amor, foi que me perguntou aquilo:

— “Riobaldo, tu achas que, uma coisa mal principiada, algum dia pode que terá bom fim feliz?”.

Uma das metáforas mais lindas de *Grande Sertão: Veredas* — “Diadorim é minha neblina”. No Velho Testamento, no Gênesis (2-6), lê-se: “Não havia homem que cultivasse o solo, mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo”. Interpretando-se a travessia de Riobaldo, constatamos que Diadorim é quem o fecundava, na medida em que fazia com que ele caminhasse, continuasse na faina da perseguição daquele que a privava do amor de seu pai. O comportamento de Diadorim e de Riobaldo lembra-nos Bentinho e Escobar, uns e outros observados pelos circunstantes, uns, pelos colegas de internato, os outros, pelos companheiros jagunços. Com uma grande diferença: os dois adolescentes, o padre avisa-os de que todos já haviam notado que estavam sempre juntos e apartados dos demais;

dos dois jagunços, Riobaldo recorda: “De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer”.

Não há como negar o caso de amor declarado de Riobaldo e de Diadorim. Amor homossexual de Riobaldo; amor heterossexual de Reinaldo, de Diadorim, de Diadorina.

Riobaldo amara Reinaldo. Vemo-lo pelas palavras do narrador, pensadas pelo tempo. Relata o fato a um estranho, apesar de antes o haver feito ao Compadre Quelemém. Se bem que, pelo modo encontrado, para rememorar os acontecimentos, fica-me a dúvida de que ele houvesse relatado o seu amor por Diadorim — um amor condenado...

Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei:

— “O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!”

Tudo indica que somente se reportou ao pacto com Demo... nada de Diadorim... nada do amor dele por outro homem. Seria muito dificultoso o relato do caso a uma pessoa do lugar, a um seu igual, o que aconteceria, após, com o interlocutor.

A palavra mágica “amor” já aparece no início do romance:

... o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dummodo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retórica a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar

Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre.

Riobaldo tem raiva de si mesmo, por ter aquele sentimento por Reinaldo. Queria gostar honradamente. Não podia...!

Riobaldo põe para correr um leproso. Avista Diadorim mais belo que nunca. Os olhos verdes “cresciam sem eira nem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto”. Viu nele a imagem de Nossa Senhora da Abadia. “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, modo em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?”.

O desejo era tanto, o complexo de culpa era tamanho, que até pensou na mágica do arco-íris: “Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris”. A sonhice, o sonho serve de alívio para a vida consciente, para os impulsos reprimidos durante o dia... faz emergir problemas e dá-nos soluções.

O que faz o sonho de Riobaldo? Sugere uma solução para aquele amor irrealizado: Diadorim passar debaixo de um arco-íris, porque, segundo a credence popular, Reinaldo mudaria de sexo.

O desejo vinha e era refutado. Era um vir-a-vir negado quase todo o tempo. Otacília — a mulher — a ligação honesta, legal. Diadorim? “De Diadorim eu devia de conservar um nojo.” E a trágica pergunta imediata? “De mim, ou dele?”.

Ainda no simbolismo dos metais nobres, aparece a valoração de seus dois amores: “Meu amor de prata [Otacília] e meu amor de ouro [Diadorim]”. O ouro é o mais precioso dos metais — o metal perfeito. Caráter ígneo, solar, real, até divi-

no, mas ativo, macho. A prata relaciona-se com a lua, princípio feminino.

Riobaldo coloca os dois amores de sua vida, relaciona-os, um dentro do princípio feminino, o outro, do masculino.

Quando Reinaldo lhe revela seu verdadeiro nome, Diadorim, Riobaldo repetiu "com uma força de afeição": "Diadorim... Diadorim!" Sim, Diadorim lhe dava a sua amizade, e "amizade dada é amor".

Uma das cenas onde a pulsão sexual fica ainda mais patente: Diadorim estava deitado e levanta-se: "... fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, mina cara posta no próprio lugar".

De vez em quando, em volta das fogueiras, das "olhas de arapavaca", para "extraviar as mutucas", Pitôlo, "cabra destemido", contava casos de amor. "Diadorim às vezes gostava." Pitôlo falava, mas Riobaldo "tinha súbitas outras vontades, de passar de vagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido". E Otacília? "No escasso, pensei."

Num rancho da borda-damata, Riobaldo experimenta o sentimento do amor:

"Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim — de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me provei — na hora. Melhor alembro".

O ar é um dos quatro elementos, os outros, a terra, a água e o fogo, fazem parte das cosmogonias de todos os povos. O ar é também um elemento ativo. A intermediação entre o céu e a terra, elementos passivos. Guimarães Rosa não escreve nada aleatoriamente. Tudo, calculado, medido, significando sempre. Metafori-

camente, o ar, ativo, ligando os dos platônicos amantes, passivos, Riobaldo e Diadorim. O ar, a ambiência, levando à revelação do "amor mesmo amor".

Revelado o amor, não se reprova... "na hora", no momento do reconhecimento, na passagem da ignorância ao conhecimento.

Algumas vezes, pensava que aquele Diadorim amado era inventado. Um dia, desesperado, pensa até em se matar — "por lei do rei" não pode admitir aquele amor. Ou fugia, largava tudo, "fazia todas as estradas". Imaginava que Diadorim, duramente, lhe dizia: "Nego que gosto de você, no mal. Gosto mas só como amigo!..." E, a partir daí, muitas vezes, repetiu essas inventadas palavras de Diadorim. Mas sabia que "como se obedecer do amor não fosse sempre o contrário..."

A terminação do período por um ponto de exclamação dá-nos uma afirmativa peremptória, uma negação de amor. Contudo volta-se de novo à ambigüidade com as reticências, uma suspensão do pensamento, que elimina a determinação e restabelece a dúvida, ou mesmo, até a negação do pensado e a afirmação do amor!...

Quando se encaminhavam ao ataque à fazenda de Hermógenes,

... Diadorim, em sombra, de amor, foi que me perguntou aquilo: — "Riobaldo, tu achasses que, uma coisa mal principiada, algum dia pode que terá bom fim feliz?".

Riobaldo não entende a pergunta. Pensou que Diadorim estivesse referindo-se a Medeiro Vaz. Não entendeu que estavam descontraídos, para seu castigo: "Hoje, eu sei; isto é: padeci". E o mais trágico? O hoje, depois de tudo passado, quando nada mais havia a fazer, para remediar todo o mal causado.

Dias depois, novamente, Diadorim fala-lhe por meias

palavras, e Riobaldo, mais uma vez, não entende:

— "Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo..." — ele disse; e de medo tremia, que era de amor — hoje sei.

— "Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e reflete, um segundo, uma coisa vou contar a você..."

Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvi, mas mentindo. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade.

Esse foi o grande drama de Riobaldo. Não desentendia metade, desentendia tudo... Só compreendeu tudo depois de Diadorim morta. Diadorim e Hermógenes, na luta sem quartel, matam-se.

A mulher de Hermógenes chama a si a tarefa de preparar o corpo "daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes". Sim, "carecia de se lavar e vestir o corpo". Diadorim, "nu de todo", e a mulher disse: — "A Deus dada. Pobrezinha..."

Nesse instante, Riobaldo conheceu que "Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha..."

Riobaldo descobriu a verdade, desvendou o segredo.

Aqui a estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba.

Tudo acabado, porque o romance tem como drama principal o amor irrealizado, homossexual de Riobaldo e Diadorim. Os outros dramas são secundários, como o da travessia de Riobaldo na procura do autoconhecimento, ou do mistério do pactário, colocando-o entre Deus e o Diabo.

Morta Diadorim, Riobaldo abandona a jagunçagem. Procura o rastro de Diadorim, encontra-o na matriz de Itacambira, registrada "em 11 de setembro

da área de 1800 e tantos": Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins.

A tristeza acompanhava-o, "não tinha competência de querer viver" e "saudades dele", dele não dela, não lhe dava "repouso".

O amor de Riobaldo e de Diadorim tinha toda uma condimentação homossexual manifesta. Como já constatamos, não chegando ao ato sexual pelo negaceio de Diadorim.

Qual a importância dessa colocação? Penso que se aprofundarmos a leitura de uma obra, se mergulharmos nos seus meandros, nos seus labirintos, teremos mais condição de usufruir de toda a sua beleza estética. Amamos mais o que conhecemos, o clarificado, o claro. Qual a importância desse estudo temático? É fundamental, quando vemos um escritor do porte de Guimarães Rosa abordá-lo tão abertamente. Considerando-se o seu papel social, de homem do sistema de poder, de funcionário da mais alta categoria do Ministério das Relações Exteriores, de oficial da Polícia Militar, de médico, tudo isso leva-nos a dizer que Grande Sertão: Veredas é um marco dentro da literatura brasileira e mundial, pois trata de um assunto tabu com lirismo e criatividade.

Logicamente, para que isto acontecesse, temos de lembrar que o ambiente literário, na época do lançamento da obra, já permitia que tal homem publicasse tal romance.

Riobaldo e Diadorim são a prova irrefutável de que a sexualidade continua um vasto enigma. Obviamente, Guimarães Rosa não se propõe a nos apontar soluções, e, sim, a escrever sobre o drama da homossexualidade, ainda um problema, com mestria e excelência.

Carlos Alberto Abel é escritor e professor de Literatura Brasileira da UnB.